



Punica granatum L. (Romã) um anti-inflamatório natural

COSTA, Flávia Mayra de Barros
OLIVEIRA, Bruna Cristina da Silva Mendonça
DIAS, Pâmella Nielly de Oliveira
SILVA, Camylla Manuella Batista da
SOUSA, Carlos Eduardo Miranda de
SILVA, Ana Paula Sant'Anna da

RESUMO

As plantas medicinais são utilizadas desde a antiguidade no tratamento e cura de diversas enfermidades, a fitoterapia, e se adequa as necessidades da população local que muitas vezes não detêm acesso a recursos de tratamento mais complexos. Dentre as plantas que compõem o gênero *Punica* destaca-se a *Punica granatum* Linn Nativa da Ásia cultivada em diversos continentes. Os diversos tecidos da planta, como casca do fruto, raízes, flores e sementes são comumente usadas para fins medicinais. *P. granatum* possui compostos bioativos, como os alcaloides, taninos e flavonoides, importantes no tratamento de várias doenças e exercendo efeitos antioxidantes, anti-hipertensivos e, principalmente, anti-inflamatórios. Nesse sentido, é necessário que os profissionais da saúde sejam capacitados e que a população seja devidamente orientada sobre a importância e o uso adequado e seguro de plantas medicinais e fitoterápicos.

Palavras-chave: Plantas medicinais. Terapias alternativas. Fitoterápicos. Práticas Integrativas e Complementares

INTRODUÇÃO

A utilização das plantas medicinais para o tratamento de diversas enfermidades prevalece até os dias atuais, consistindo muitas vezes no único recurso terapêutico disponível (CABREIRA; BOFF, 2022). Após a publicação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, como a fitoterapia, as plantas medicinais e fitoterápicos foram



institucionalizados no Sistema Único de Saúde (SUS). Assim, a Organização Mundial da Saúde define medicina tradicional e medicina alternativa e complementar – MT/MAC como práticas que incluem terapias com medicação, as quais usam ervas, partes de animais ou minerais. Sendo necessário demonstrar aos usuários do SUS a importância e o cuidado de fazer uso das plantas medicinais (OMS, 2002; BRASIL, 2016).

A inflamação corresponde a primeira linha de defesa do organismo contra infecções e danos ocasionados ao tecido. Em circunstâncias fisiológicas equilibrada, é um processo que tem a finalidade de reestabelecer a homeostasia e reparar o tecido danificado. Dentre os fatores que são responsáveis por promover uma resposta inflamatória tem-se infecções, sejam elas bacterianas, virais, fúngicas ou parasitárias, lesão tecidual, agentes químicos nocivos e reações imunes, e dessa forma, sem a ocorrência de uma resposta inflamatória, infecções não seriam tratadas e feridas não cicatrizariam, tornando-se assim uma resposta primordial a sobrevivência (VANDENDRIESSCHE et al., 2021).

A romã tem sido amplamente utilizada como fonte de tratamento na medicina tradicional. Várias infusões ou decocções das flores, folhas da planta têm sido usadas na medicina tradicional para tratar diarreia não infecciosas, corrimento vaginal. O epicarpo da romã é usado como remédio tradicional brasileiro para o tratamento de irritações cutâneas, processos inflamatórios, a infusão da casca de romã costuma ser utilizada para gargarejo para aliviar as inflamações e infecções orais (DE OLIVEIRA MORAIS, et al. 2021). Estudos científicos confirmam os efeitos benéficos do bochecho e/ou gel de romã na periodontite, gengivite e estomatite e que estaria relacionado, provavelmente, às suas atividades anti-inflamatórias, antioxidantes e antimicrobianas (EGHBALI et al., 2021).

Os principais constituintes químicos encontrados nos infusos com o epicarpo de *P. granatum* são os flavonoides, como a luteolina, kaempferol e narigenina e os taninos, a exemplo do ácido elágico, ácido gálico, ácido clorogênico, ácido cinâmico, entre outros. Metabólitos secundários, como flavonoides e taninos, fazem parte do grupo principal dos compostos fenólicos com propriedade farmacológicas. Os flavonoides possuem em sua estrutura dois anéis fenil ligados por um anel pirano heterocíclico, que diferem no padrão de hidroxilação e metilação. Essa diferença no anel pirano é então usada para classificar tais compostos e são responsáveis pelas interações realizadas pelas moléculas, e para verificar suas atividades medicinais. Já nos taninos, sua estrutura está ligada a diversos grupos hidroxila, e a esses grupos são atribuídas atividades farmacológicas (GUTIÉRREZ- GRIJALVA et al., 2020).

A romã possui uma ampla gama de compostos, incluindo polifenóis, com potentes



propriedades de eliminação de radicais livres – antioxidantes - que podem causar estresse oxidativo, que pode induzindo danos às biomoléculas, como o a DNA, proteínas e lipídios, tendo papel chave em processos inflamatórios, além de processos de proliferação e diferenciação celular. O objetivo deste trabalho consistiu em um breve levantamento com informações atualizadas sobre *P. granatum* no que diz respeito ao seu uso etnofarmacológico, cientificamente comprovado, em processos inflamatórios orais. Os quais serão úteis para pesquisas futuras e o desenvolvimento de novos medicamentos

MÉTODOS

As informações e dados sobre *Punica granatum* foram coletados de bancos de dados científicos, como PubMed, Scopus, Science Direct. com os descritores e/ou uma combinação destes: plantas medicinais, terapias alternativas, fitoterápicos, práticas integrativas e complementares e *Punica granatum*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações e dados sobre o uso tradicional de *P. granatum* para dor de garganta e afecções orais está relacionado aos constituintes bioativos específicos na romã eficazes como agentes antibacterianos e anti-inflamatórios, então esse fitoterápicos é de grande importância na terapêutica clínica e medicamentosa do SUS, contemplando os cuidados da Estratégia de Saúde da Família na perspectiva das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde.

REFERÊNCIAS

- Brasil. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso** [Internet]. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2015 [Acesso em 27. outubro 2022]; 96 p. Disponível em: [https:// bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf).
- CABREIRA, Larissa Kny et al.. PLANTAS MEDICINAIS E SEUS BENEFÍCIOS A SAÚDE HUMANA. **Salão do Conhecimento**, v. 8, n. 8, 2022.
- DE OLIVEIRA MORAIS, Jullierme et al. Avaliação da atividade antibacteriana de *Punica*



granatum Linn.(Romã) frente a bactérias orais: Uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 7, p. e16010716238-e16010716238, 2021.

EGHBALI, Samira et al. Therapeutic effects of Punica granatum (pomegranate): an updated review of clinical trials. **Journal of Nutrition and Metabolism**, v. 2021, 2021.

Organização Mundial da Saúde (OMS). Estratégia da OMS Sobre Medicina Tradicional. 2002-2005 Genebra: OMS; 2002.

SHAYGANNIA, Erfaneh et al. A review study on Punica granatum L. **Journal of evidence-based complementary & alternative medicine**, v. 21, n. 3, p. 221-227, 2016.

VANDENDRIESSCHE, Sofie; et al. Complement receptors and their role in leukocyte recruitment and phagocytosis. **Frontiers in Cell and Developmental Biology**, v. 9, p. 624025, 2021.